

JORNALISMO CIENTÍFICO

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COMPROMETIDA PELA DESERTIFICAÇÃO E OS OÁSIS DE NOTÍCIAS NO BRASIL

André Luís dos Reis

Tenho me debruçado há alguns anos em torno do surgimento de desertos de notícias no Brasil e seu impacto nas comunidades devido à ausência de informação confiável, produzida por técnica jornalística válida e difundida por veículos de comunicação legitimados.

Vivo o jornalismo local e as dificuldades de manter a sustentabilidade e operação desse negócio. Leio e acompanho notícias e artigos sobre essa questão e percebo que o jornalismo local – de pequenas e médias empresas – sofre os impactos das novas tecnologias, principalmente as redes sociais e seus algoritmos, embora a maioria já esteja totalmente integrada ao meio digital. Mas para muitos, isso não traz sustentabilidade financeira.

Em 2023, o Atlas da Notícia, do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (PROJOR), apontou uma redução de 9,5% nos desertos de notícias no Brasil. Mesmo assim, 2.968 cidades brasileiras – 5 em

cada 10 – são desertos de notícias, afetando 29,3 milhões de pessoas sem acesso à informação confiável.

Uma cidade é considerada deserto de notícias quando não há veículo de comunicação em atividade. A escassez de produção noticiosa e baixo fluxo de informação são características desses desertos.

Nos Estados Unidos, os desertos de notícias estão aumentando, conforme o relatório “Desertos de notícias e jornais fantasmas: as notícias locais sobreviverão?”, produzido pela Escola Hussman de Jornalismo e Mídia da Universidade da Carolina do Norte. Desde 2004, os EUA perderam um quarto de seus jornais. Dos 3.143 condados americanos, 200 não têm jornal local e mais da metade têm apenas um jornal, geralmente semanal.

O ecossistema do jornalismo é complexo e sua sobrevivência a todo o momento está sendo colocada em xeque-mate, especialmente em função da atuação das big techs – Google e Meta – para citar apenas duas, que não produzem notícia alguma, não se classificam como empresas de mídia, mas que abarcaram para dentro de suas plataformas a principal receita dos jornais: a publicidade.

Leão Serva, jornalista e pesquisador, em seu livro *A Desintegração dos Jornais* (2017) mostra que, no afã de acompanhar as tendências tecnológicas e os ditames dessas big techs, grandes grupos de mídia brasileiros também acabaram se endividando: “a intensa demanda de investimentos em tecnologia de ponta para os novos meios eletrônicos consumiu a parte preponderante do caixa das empresas de mídia a fundo perdido, uma vez que nem naquele momento e nem mesmo agora as receitas com a Internet remuneraram esses dispêndios”.

Se os grandes que tentaram, tiveram que arcar com as consequências, para a maioria dos pequenos e médios jornais localizados no interior do país, que fazem o jornalismo local sobreviver – a palavra investimento é uma utopia.

Mais que isso, conforme o Atlas de Notícias 2023, o Brasil tem hoje 13.734 veículos jornalísticos em atividade no país e uma grande parcela – responsável por tirar algumas localidades da condição de deserto de notícia – são pequenos *sites* de notícias, desprovidos de tecnologia ou de metodologia que façam com que seus conteúdos de fato cheguem a audiência pretendida.

Esse tema é instigante diante do atual cenário comunicacional em que o mundo vive, dominado, mormente, pela desinformação e pela proliferação de notícias falsas. Fato é que localidades desprovidas de meios de comunicação, de qualquer natureza, ficam reféns do poder econômico local, muitas vezes capitaneado pelo poder político. A democracia é a grande vítima dessa situação.

E, foi diante desse cenário quase distópico que resolvi submergir no conteúdo da matéria ‘Jornalismo Científico’ do programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp como aluno especial da professora Sabine Righetti.

Se a desertificação é um grande problema do jornalismo local, o oásis de notícias – grandes centros e regiões metropolitanas – poderia ser parte da solução. A tecnologia presente nas redações facilita a mediação entre pesquisas científicas e a transformação em produtos jornalísticos. Mas não é bem essa realidade. Se compararmos os dados e informações sobre a concentração de veículos de comunicação com a maior presença de Instituições de Ensino Superior – IES, e consequentemente de pesquisadores, vamos nos surpreender (em partes) ao constatarmos que eles moram ao lado.

A divulgação científica no Brasil também tem seus problemas, sendo o principal deles “fazer com que a informação palatável e confiável” chegue até os principais interessados: os leitores. Por sua vez, esse importante polo da comunicação hoje também enfrenta problemas, e o mais gritante deles é a sua educação/formação enquanto leitor

de jornais ou conteúdos jornalísticos divulgados pelos portais de notícias. Em pleno século XXI, somos aculturados/induzidos a consumir informações que satisfaçam nossos interesses pessoais imediatos, tais como: lazer, entretenimento e ‘mundo cão’ (violência), não conteúdos que exijam reflexão ou uma absorção mais duradoura.

A pesquisa “O que os jovens brasileiros pensam da ciência e tecnologia” (2024) apresentada pela professora convidada – Ione Maria Mendes revela que os jovens acreditam que os cientistas devem expor publicamente os resultados de suas pesquisas e que eles não se esforçam para informar a população.

O que mais me chamou a atenção na pesquisa foi o Índice de Confiança elaborado pelos pesquisadores, onde mostram que cientistas/universidades alcançaram índice 0,83, enquanto o jornalista – responsável pela mediação ou tradução da pesquisa científica para uma linguagem palatável ao leitor comum obteve índice -0,22. Essa equação não fecha.

Concluo que ciência e cientistas são, ao mesmo tempo, vítimas e culpados pela percepção da ciência no cotidiano brasileiro. O jornalismo sério também se perdeu pela polarização política e pelo impacto da tecnologia nas redações, que enxugaram quadros e fecharam portas, aumentando os desertos de notícias. Mas não é só o Índice de Confiança que me preocupa, mas também a pesquisa que aponta a queda na confiança nos meios de comunicação. O Relatório Geral de Notícias Digitais elaborado pelo Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo da Universidade de Oxford em 2023 revelou que a confiança geral dos brasileiros era de 43%, uma queda de 5% em relação ao levantamento anterior e de 19% nos últimos 15 anos.

O binômio ciência/cientista é também responsável pela não presença dos seus resultados de pesquisas nos meios de comunicação. Nesse sentido, percebo que há também uma cultura inserida no seio da academia que faz com que parte da comunidade científica prefira

manter uma ‘aura misteriosa’ em torno do que fazem. Assim, suas conquistas acabam ficando prisioneiras de seus laboratórios. Fato é que esse comportamento também compromete a longa jornada que a ciência ainda precisa percorrer para sua institucionalização no Brasil.

REFERÊNCIAS

DIGITAL NEWS REPORT 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/es/digital-news-report/2024>. Acesso em 5 jun. 2024.

LÜDTKE, Sérgio. Atlas da Notícia identifica redução de desertos e liderança do jornalismo online no Brasil. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/v5/atlas-da-noticia-identifica-reducao-de-desertos-e-lideranca-do-jornalismo-online-no-brasil/>. Acesso em 5 jun. 2024.

NEWS deserts and ghost newspaper: will local news survive? Disponível em: <https://www.usnewsdeserts.com/reports/news-deserts-and-ghost-newspapers-will-local-news-survive/>. Acesso em 5 jun. 2024.

PROJECT OÁSIS. Disponível em: <https://sembramedia.org/project-oasis-global/>. Acesso em 5 jun. 2024.

SERVA, Leão. **A desintegração dos jornais**. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

